

1

Introdução

Esta dissertação reflete a necessidade de aprofundamento e entendimento na construção do movimento social do qual faço parte há nove anos: o Movimento Humanista. O trabalho parte de um questionamento em relação à função que exerço voluntariamente no grupo e da compreensão de que tal função – a de **orientadora** de equipes organizadas de trabalho – vai sendo resignificada, na medida em que construímos projetos sociais diversos, lançamos campanhas, intercambiamos acerca de nossas aprendizagens e fortalecemos o vínculo entre os membros do Movimento. Surge também da inquietação em relação a como nosso discurso expressa, colabora para nossa experiência de ativismo e fé no ser humano.

Como pesquisadora em formação no Mestrado em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, a primeira observação a me levar a tal questionamento foi a da necessidade de embasar o trabalho do Movimento Humanista. A partir do momento em que fui admitida naquela instituição, ficou clara a responsabilidade de colocar-me como **pesquisadora-ativista**, não somente por uma questão de respeito para com a minha identidade ou gostos pessoais, mas também pela compreensão de que, dentro do grupo, eu sou uma das poucas pessoas com acesso a tal formação acadêmica.

Em meus primeiros contatos com as propostas da Linguística Aplicada, descobri a colocação de Cavalcanti (2001:27) que embasa minha visão do que seria o **pesquisador-ativista**:

movimentos de minorias lingüísticas/ideológicas (...) iniciados sob o signo do ativismo com o objetivo de gerar soluções a curto e longo prazo para problemas sociais e políticos urgentes (...) o que deveria ser encorajado nesses casos é a pesquisa desde dentro (ver Tuhiwaii Smith 1999), ou seja, desenvolvida por acadêmicos desses contextos particulares. Isso posicionará o pesquisado como pesquisador e talvez o pesquisador de fora como parte do pesquisado.

Entrei em contato ainda com o trabalho de Allwright (2003d: 1-5) que, ao dividir seis direções promissoras para a Linguística Aplicada, refere-se a diferentes movimentos internos da área. Dentre eles a mudança do ponto de vista prescritivo, ao descritivo e ao entendimento “como algo potencialmente valioso em si mesmo”.

Indica também as transições da “simplicidade à complexidade” e “do que é comum à idiossincrasia”. Menciona a necessidade de ao invés de buscar “soluções gerais para problemas gerais”, observar que “todos os ‘problemas’ são redutíveis, afinal, e na prática, problemas ‘locais’”. Sugere um movimento que vai de “acadêmicos” a “participantes” como “construtores de conhecimento” no campo.

Para realizar um trabalho de pesquisa representativo das diferentes nuances de entendimento que perpassam a vivência no grupo, seria de suma importância não somente consultá-los e incluir suas vozes no trabalho, mas fazer do dia-a-dia do grupo a própria pesquisa, buscar que questões seriam as mais urgentes para os participantes e observar como tal pesquisa poderia ser útil para nossas atividades. A partir desta compreensão, o encontro com a Prática Exploratória proposta por Allwright como paradigma e prática de pesquisa (2003a) e a partir das pesquisas realizadas por seus participantes (Moraes Bezerra & Miller, 2005; Azevedo, 2005; Sena, 2006; Sette, 2006), me levou a compreender o processo de construção desta dissertação como uma oportunidade de trabalhar para o desenvolvimento de todos os participantes do Movimento, envolvendo e unindo a todos.

Tal decisão delimitou os participantes às pessoas imediatamente relacionadas e em contato freqüente comigo, i.e., os membros da equipe da qual faço parte, a qual chamamos conselho 114. O questionamento em relação a função **orientador** surgiu em nossa reunião de planejamento e avaliação em Março de 2006. Nesta oportunidade registramos que nossa equipe estava bem qualificada e formada: todos havíamos construído diversos projetos nas áreas de Educação, Saúde, Arte e Cultura, Comunicação. Naquele momento, nosso foco principal deveria ser multiplicar o trabalho realizado até então, ou seja, que cada um de nós fosse capaz de gerar novas equipes. Para tanto, compreender o que é/faz/sente um orientador, como seu trabalho acontece e como poderíamos superar nossas resistências pessoais para gerar e manter uma equipe qualificada, ampliando assim o Movimento, tornou-se o principal tema da reunião.

Durante a avaliação, eu e os demais integrantes mencionamos necessidades como a de abrir a comunicação/estabelecer uma comunicação direta com as pessoas que contactávamos, de dar permanência aos projetos iniciados, de abandonar o

improvisado e planejar com mais cuidado e antecedência, de estabelecer um vínculo com as pessoas que contatávamos. Observamos, para cada uma dessas necessidades, nossas resistências/dificuldades na ação, tais como: dificuldade de abrir a comunicação por desconfiança em relação aos demais ou por preocupação com nossa imagem, com a imagem que outros fazem de nós; dificuldade de dar permanência por medo de assumir compromissos; dificuldade em abandonar o improvisado por falta de organização, pressão de necessidades financeiras ou familiares, entre outros.

Assim, ficou claro para mim que, para exercermos a função de orientadores, precisávamos conhecer em profundidade nossas virtudes e limitações. Também ficou claro, em falação de nosso orientador no Movimento, Ricardo, que aquele era um aprendizado que só seria completado na prática e que seria impossível para ele tentar transmitir, sem nossa dedicação “no campo”, o que era orientar.

Desta maneira, co-construímos o eixo motivador da presente pesquisa: trabalhar para entender a função de orientação como ela é vista pelos integrantes do conselho 114 do Movimento Humanista. A partir desta primeira proposta, surgiram diferentes questões: Em que cada um de nós acredita e como falamos daquilo que acreditamos? A filosofia na qual se baseia o Movimento, a qual chamamos Novo Humanismo, tal qual expressa nos livros que estudamos e nas práticas de autoconhecimento que realizamos, está manifestada em nossas ações? Como esse Novo Humanismo se manifesta? Como construímos nossa identidade como orientadores no Movimento Humanista? Como e (se) nossa compreensão de mundo se apresenta em nossas atividades?

A regra de ouro para os humanistas é “tratar aos demais como gostaríamos de ser tratados” e acreditamos em uma revolução não-violenta construída a partir da transformação pessoal e social simultâneas (Cobos, 2004). A transformação pessoal a partir do autoconhecimento, meditação, reflexões sobre a prática e a transformação social a partir da construção de equipes auto-financiadas, baseadas na divisão de funções e na construção de projetos sociais, que possam ir influenciando na reconstrução do tecido social destruído pelo sistema capitalista. Tal caráter fortemente progressista não poderia ser ignorado em um trabalho como este e a

compreensão de como a ideologia se expressa no discurso de todos nós, orientadores em formação, é parte importante do trabalho para o entendimento.

Para abranger as diferentes nuances de tal empreitada, essa dissertação está dividida em cinco capítulos. No Capítulo 2, realizo uma revisão da literatura na qual objetivo apresentar um arcabouço teórico, explicitando meu posicionamento como pesquisadora e minhas escolhas paradigmáticas. Introduzo a visão de homem propagada pelo Movimento Humanista como base para a compreensão de nossas crenças e apresento os princípios da Prática Exploratória como filosofia de pesquisa.

No Capítulo 3, desenvolvo algumas discussões teórico-metodológicas nas quais apresento os participantes e algumas peculiaridades de minha equipe. Explicito também a construção de minhas ferramentas de pesquisa à luz dos princípios da Prática Exploratória, delineando duas Atividades com Potencial Exploratório (APEs) a serem realizadas pela equipe. Apresento a opção por trabalhar com narrativas de experiência pessoal buscando perspectivas identitárias a partir de uma análise focada no elemento avaliação da estrutura narrativa segundo o proposto por Labov (1972).

No Capítulo 4, apresento minha análise de dados, partindo de uma macro-análise de todas as narrativas geradas a partir da primeira APE e, em seguida, destaco a avaliação nos textos e como tal avaliação pode iluminar reflexões construídas na segunda APE. Apresento também algumas considerações dos participantes em relação a minha análise e sua utilidade para empreendimentos futuros no Movimento.

Finalmente, o Capítulo 5 apresenta as conclusões finais desta etapa do trabalho de pesquisa, delimitada na presente dissertação, e aponta direções futuras para a continuidade deste projeto. Observo também neste capítulo uma série de eventos, discussões e atividades geradas a partir deste trabalho. Na intenção de entender e envolver, diferentes redes, contatos com pesquisadores humanistas de outros países e iniciativas de colaboração com o trabalho foram sendo construídas. Essas são, a meu ver, as facetas mais ricas desta pesquisa.